

80 Desgastes atingem as oposições

A mudança de liderança por desgaste não é característica específica das bancadas governistas. O deputado Vivaldo Barbosa (RJ), líder do PDT, poderá deixar a função por este mesmo motivo. Um processo que se agravou após toda a exposição sofrida no episódio da privatização de empresas. Desde já, Vivaldo tem dois herdeiros, ambos muito simpáticos e próximos ao presidente nacional do partido, Leonel Brizola, governador do Rio de Janeiro. São o vice-líder Carrion Júnior (RS) e a deputada Márcia Cibilis Viana (RJ). Esta última com algumas vantagens.

Márcia já teve candidatura lançada por outros deputados, embora não oficialmente. Além do mais, a deputada é representante do Rio de Janeiro. Os cariocas são maioria entre os petistas e a tendência consiste na permanência da liderança com eles. Por último, vale lembrar que a deputada é filha de Cibilis Viana, braço direito de Brizola, de quem inclusive, é vizinho, morando no mesmo prédio no Rio de Janeiro.

Isto não significa, contudo, que o prestígio de Carrion Júnior seja pouco. Além da atuação de destaque, o vice-líder está cada vez mais próximo a Brizola. Economista, o parlamentar tem subsidiado o governador do Rio na elaboração de vários projetos. Até pouco tempo, havia ainda um terceiro cotado: o carioca Miro Teixeira. No Senado, a permanência de Maurício Corrêa (DF) é dada como certa.

Lei — Ninguém fala em rodízio, mas entre os petistas a mudança anual de líder vale como uma espécie de lei não escrita. A única exceção ocorreu durante a Constituinte, quando o presidente nacional do partido, Luiz Inácio Lula da Silva, permaneceu na liderança por dois anos, para que

não houvesse corte no referencial da bancada. Neste quadro, a saída do deputado José Genoino (SP) não recebe congesionamento.

Para que se cumprisse a regra, os petistas, no ano passado, chegaram a colocar na liderança Gumercindo Milhomem. Caracterizado por uma atuação apagada, Milhomem acabou sendo o único que não conseguiu se reeleger. Para o próximo ano, contudo, os nomes são fortes. Três despontam na lista de prováveis líderes. Mas é provável que o gaúcho Paulo Paim dispute sozinho.

Paim é elogiado pelo "trânsito bom e experiência". Mas não seria por esse motivo que conquistaria a liderança. Os paulistas José Dirceu e Aloísio Mercadante recebem os mesmos qualificativos. Só que ambos são candidatos, em princípio, à Prefeitura de São Paulo, como o senador Eduardo Suplicy.

Sem correntes - Sem ser marcada pela disputa de correntes partidárias, a situação no PSDB tem nuances diferentes das

demais bancadas. Não se acredita, de qualquer maneira, na permanência do deputado José Serra (SP) como líder. Nas discretas especulações, sobressaem os nomes dos deputados Paulo Hartung (ES), reconhecido pelo seu trabalho de articulação, Sérgio Machado (CE) e Artur da Távola (RJ). Exercendo o primeiro mandato, Hartung, em conversas no partido, é apontado como "líder de fato".

Da mesma forma, ninguém assegura se o senador Fernando Henrique Cardoso permanece ou sai da liderança. Em caso de mudança, o tucano José Richa (PR) aparece como forte candidato. Sobretudo pela postura firme adotada. O PSDB quer uma afirmação e Richa parece tê-la.

"O Governo mostrou que não quer entendimento, mas adesão nacional. E o PSDB é um partido sério, que não está aqui para isso", desabafou, depois que sua emenda de antecipação do plebiscito parlamentarista foi derrubada em plenário. Mário Covas seria outro nome.